

Ex-combatente vive em condições sub-humanas

Um ex-combatente da guerra colonial, residente em Veiros [Estremoz], encontra-se a viver em condições indignas para um ser humano. Solteiro, sem familiares directos desde que lhe morreu a mãe, habita uma casa "emprestada", sem água, nem electricidade, entre dejectos e lixo, segundo testemunhos dos raros familiares e conhecidos, que eventualmente deixa entrar na habitação.

Tendo cumprido o serviço militar na Guiné, entre Agosto de 1970 e Setembro/Outubro de 1972, como cabo, numa companhia de Engenharia, J.L.M. parece sofrer de alguma perturbação psíquica relacionada com a situação de guerra, potenciada pelo consumo frequente de álcool. Afirma que tem armas em casa e por isso as pessoas receiam que um dia aconteça uma tragédia. A situação é conhecida há bastante tempo pelas entidades locais que têm sido impotentes para a resolver.

É uma sua parente que em carta de 10 de Dezembro de 2009, pedindo ajuda ao Núcleo de Estremoz da Liga dos Combatentes, e cujo conteúdo nos autorizou a citar, relata: "É desumano, vive em condições que põem em risco a vida dele e a dos vizinhos. Dentro de casa parece uma autêntica estrumeira, com todo o lixo que acumula, como tem a luz e a água cortadas, utiliza velas e é fumador".

E acrescenta: "Penso que ele sofre de stress pós traumático de guerra, porque todas as conversas dele estão relacionadas com o tempo da tropa. Ouve-se a falar sozinho em casa, a simular telefonemas e conversas com os colegas que estiveram com ele na tropa e a relatar situações de guerra constantemente como se estivessem a passar agora, quer esteja embriagado ou não. Diz que tem uma caçadeira e uma espingarda em casa para se defender e a vizinhança sente-se insegura".

Afirma ainda que "todas as entidades da vila têm conhecimento do estado" do indivíduo "mas dizem que é difícil prestar-lhe alguma ajuda devido ao modo como se comporta com as pessoas que o querem ajudar".

É esta mesma familiar que desde os finais de 2006 vem procurando resolver o problema humano e social, com cartas e exposições para diversas entidades, designadamente a Segurança Social e a Sub-Região de Saúde de Évora, o delegado de Saúde de Estremoz e, por fim, a Liga dos Combatentes.

Destas diligências resultaram algumas intervenções pontuais, nomeadamente, a assistente social do Centro de Saúde de Estremoz esteve no local e a Junta de Freguesia de Veiros mandou fazer a limpeza da casa. Mas o seu parente, "não autoriza que se faça mais nada" nem "quer ir para lado nenhum" e assim, "cada vez ele vive em situação mais degradada e cada vez o perigo é maior para a vida dele e das outras pessoas", alerta a senhora em 29 de Novembro de 2009, numa carta ao delegado de Saúde de Estremoz.

Segundo Normando Xarepe, director do Lar da Misericórdia de Veiros, "a situação já existe há muito tempo, praticamente desde que a mãe dele, faleceu, só que ele não tem tido abertura nem para a família e muito menos para as instituições para que se lhe possa dar algum apoio".

Porém, "neste momento verificamos que ele, ou por estar carenciado ou por se sentir mais desprotegido, está a aceitar melhor o nosso apoio", disse-nos Normando Xarepe, acrescentando que está a conseguir conquistar-lhe a confiança.

"À partida achámos que este caso era muito complicado mas neste momento já estamos convencidos que vamos conseguir, praticamente com a prata da casa, resolver a situação, é a nossa esperança".

Agora, J. L. M. já vai ao Lar da Misericórdia sempre que lhe apetece e onde pode almoçar, tomar banho, e recebe alguma roupa.

"E desde que a Câmara desempenhe o seu papel, que é fazer a limpeza profunda da casa, e ela esteja em condições, estamos disponíveis para arranjar alguém para a limpeza diária ou semanal, e arranjar-lhe cama, colchão e roupas de cama, pois nesse aspecto a Misericórdia não tem problemas e temos possibilidade para o ajudar", afirmou Normando Xarepe.

LIGA DOS COMBATENTES INTERVÉM

Entretanto, o Núcleo de Estremoz da Liga dos Combatentes, logo que foi alertado, encetou diligências junto da respectiva Direcção Central e do Centro de Estudos e Apoio Médico, Psicológico e Social (CAMPS), a funcionar junto da Direcção Central, solicitando alguma intervenção e apoio junto do antigo combatente.

Na sequência dessas diligências realizou-se no passado dia 25 de Fevereiro uma reunião na sede do Núcleo, com a participação da equipa do CAMPS, liderada pelo dr. António Correia, psicólogo clínico da Liga dos Combatentes, e que contou com a participação de representantes da GNR, dos serviços da Acção Social da Câmara Municipal de Estremoz, do presidente da Junta de Freguesia e do director do Lar da Misericórdia de Veiros, da Direcção do Núcleo, e dois familiares do ex-combatente.

Depois de amplamente analisado o problema e discutidas as formas de actuação, foi constituída uma equipa, liderada por Luísa Antunes, dos serviços da Acção Social da CME, que além de técnicos, integra as instituições locais e elementos do Núcleo, que tem como missão estabelecer o diálogo e conquistar a confiança ou seja, "preparar o terreno" para uma actuação eficaz e consequente, no sentido de restaurar, tanto quanto possível, a dignidade e a qualidade de vida daquele antigo combatente.

"Um conjunto de pessoas que vão, sobretudo, trabalhar naquilo que nós chamamos um trabalho de formiguinha, ou seja, estabelecer uma relação com o combatente segura por forma que ele possa aderir a um projecto que nós estamos a construir com ele", adiantou António Correia ao Brados do Alentejo, revelando, ainda, que se trata de mais caso idêntico a outros que tem acompanhado com algum sucesso.

"Vinha com a ideia de que era um caso complicado, mas fiquei com a ideia que é mais um caso daqueles que temos acompanhado, complicado é certo, mas as instituições estão envolvidas, e são várias e o trabalho vai ser feito em cooperação entre todas as instituições e vai dar resultados muito positivos", afirmou o psicólogo, sublinhando que "não há casos perdidos".

*In **Brados** do Alentejo – Inácio Grazina*